

LANÇANDO "ÁGUA DA FONTE"

RAIMUNDO GIRÃO

Em verdade vos digo, em pura verdade, que recebi, indeciso, o convite de Luís Maia, este liliputiano, mas pertinaz Mecenaz, que está valentemente fazendo desta Livraria Renascença um buliçoso renascimento nos meios intelectuais do Ceará.

O convite era para que eu fosse o intérprete desta reunião de lançamento dum livro de poesias, e eu com a poesia nunca trabalhei, senão que me encanta sempre ler versos ou ouvi-los bem recitados por quem o sabe fazer. Extasio-me com isso.

Atendi ao apelo e aqui estou muito alegre, porque venho ter mais um reencontro, além dos encontros de todos os dias pelas ruas da cidade, com um dos meus mais diletos amigos, e um que faz objeto da minha mais extrema admiração — Jáder de Carvalho.

A minha estima ao Jáder vem dos tempos do veterano Liceu do Ceará, da Praça dos Voluntários, no qual obedecíamos e desobedecíamos a direção pedagógica e as ordens militares do velho professor de inglês — Guilherme Moreira, rigoroso, disciplinador, dedicado como ninguém ao dever e hoje esquecido, quando o certo seria estar sendo alvo de acurado estudo, em biografia cheia e succulenta.

Foi por aquelas épocas risonhas que Jáder de Carvalho morou em nossa casa da Rua do Imperador, durante alguns meses, ocupando os três, ele, o meu irmão Raul e eu, um quarto de saída independente, através de largo e acolhedor alpendre prolongando o prédio. Por volta de 1917 ou 1918.

E de lá guardo dois *flashes*, de que me sirvo para mostrar o retrato, já agora um tanto modificado, do Jáder físico e do Jáder no seu estilo de vida.

O primeiro é este: certa noite, vésperas de exames, cheguei algo mais tarde ao quarto, encontrei a luz acesa e o Jáder deitado na rede, dormindo, com um livro aberto sobre o peito. Acordou e perguntei-lhe: — Que está estudando? — Geometria, foi a resposta. Observei-lhe então que não era nada aconselhável estudar matéria tão exigente de cálculos e resoluções de teoremas, senão em frente do quadro negro, armado de giz e de coragem para prestidigitar números e sacar da cartola mágica as soluções dos ângulos, triângulos, circunferências, pis e outras complicações ainda maiores. Respondeu-me simplesmente: — Aprendo Geometria como quem lê romance. Resmunguei que não era tanto assim, e o fato é que, dias depois, chega-me o estranho geômetra em revoltas, dizendo que fora reprovado e a culpa era do velho Rodrigues de Andrade, professor da cadeira e um dos examinadores na banca. Iria como protesto — acrescentou irado — pelar a cabeça e, imaginem! matar o Andrade.

Parece não ter realizado o intuito, porque o querido mestre de Química, transformado em canhestro ensinador da ciência de Euclides, somente morreu, e pacificamente, muitos anos depois.

Este primeiro instantâneo codáquico põe em evidência no jovem liceano o plexo temperamental do escritor vitorioso de hoje. Diz do seu desajuste com a linha reta da serenidade e da marcha que ele havia de seguir na linha ziguezague dos espíritos tomados de ânsias e projetos em demasia, conduzido por uma força impulsora que é o seu talento admirável e robusto.

O segundo *flash*: naquele nosso tempo de aprendizes das ciências e das letras, os livros didáticos não variavam muito. Eram poucos e quase sempre os mesmos. A Língua Portuguesa tínhamos de aprender com a *Gramática* de João Ribeiro e com os *Lusíadas* de Camões, para maior martírio do estudante, transformado em atilado caçador, de espingarda às mãos a procurar o escondidíssimo sujeito da oração, não raro encontrado bem duas léguas distante, através do emaranhado de não sei quantas estrofes. Francês, entraria em nossas cabeças, à custa de ler a *Gramática* de Alhout e traduzir a *Seleção de Kühn* e o *Teatro Clássico*, mais pavoroso que os *Lusíadas*. Para a História Universal, havia o livro obrigatório de Raposo Botelho, expositivo, clássico, sem nada de interpretação dos fatos históricos, imprestável, portanto, a qualquer inteligência mais atrevida, principalmente a uma forrada de talentos excepcionais como os do Jáder insatisfeito. Um dia, vejo o nosso homem com um livro de dois pequenos volumes em brochura, e verifico ser o compêndio de História da Civilização de *Clémence Jaequinet*, autora francesa de cunho nitidamente socialista. Passou a ser a leitura de Jáder, e por aqui se entende como nasceu prestes a sua inclinação para o lado da mão sinistra, que é também o lado do coração e o desgraçado lado dos enfartos.

A esquerda foi, assim, desde o começo, a banda principal do escritor, jornalista, romancista, sociólogo e poeta Jáder Moreira de Carvalho. O primeiro jornal por ele fundado e dirigido teve o nome de *Esquerda*, e os seus romances ficam a maravilha nas estantes dos canhotos estudiosos e seguidores das doutrinas de Carlos Marx e seus discípulos. E sabemos da luta, das lutas, das desesperadas lutas de Jáder no enfrentar nos seus jornais e em toda parte aquilo em que ele enxerga o desacerto, o vício, a miséria social, a miséria do caráter humano, o abuso do dinheiro, a prepotência ou a incompetência de autoridades cegas às solicitações da decência administrativa e da exata política de guiar os povos. A diferença entre Jáder e nós que não chegamos a tanto é exclusivamente de

extensão e modo: na realidade, o mundo é um grande depósito de erros, de distorções, de negações revoltantes, e os espíritos bem formados, desambiciosos, humanos, sentem intensivamente a necessidade de combatê-los, de eliminá-los. Apenas, para uns o processo é menos insofrido e mais paciente, ao passo que para outros, o método melhor de atingir o objetivo é manejar os gatilhos ou sacudir dinamites. Considerado o imperativo do que todos desejam, todos temos razão.

Na *Antologia Cearense*, que a Academia Cearense de Letras publicou sob a minha orientação, acha-se esta fotografia 3x4 do homenageado desta tarde: “Com o pai, diretor do Ateneu Quixadaense, e em Fortaleza, no Liceu, fez os estudos primários e humanísticos, vindo a formar-se pela Faculdade de Direito do Ceará, em 1931. Bem jovem, entrou para a arena da imprensa diária, para a jornada áspera dos prelos, muito arrojada a sua, violenta às vezes, mas brilhante e destemida sempre, filha da insubmissão da sua formação socialista, à Trotsky, e dos impulsos de sua valentia pessoal. **Tornou-se, assim, um jornalista brigidiano, desassustado e temido, dando alta temperatura, e também graça de estilo, aos artigos com que critica os fatos e os homens.** Em 1928, fundou e dirigiu *A Esquerda*, jornal que, pelo nome, diz do norte que seguia; e, em outubro de 1947, o *Diário do Povo*, que mantém com o mesmo espírito declarado de causticar os erros e desvios dos governantes, políticos e burgueses menos compreensivos. O seu talento e a sua cultura de sociólogo ajudam-no, *pari passu*, nas suas vitoriosas viagens pelas estradas do romance e da poesia. Preferiu o romance social, mais precisamente o “romance da classe média”, de fundo reivindicante, sintonizando com o clima do tempo, e cujo ciclo — qual acentua Abelardo Montengro — ele inaugurou no Ceará.

Classe Média, Doutor Geraldo, A Criança Vive, Eu Quero o Sol, Sua Majestade o Juiz, e, por último, *Aldeota* expressam as atividades de aguda e ágil análise do romancista. De temas sociológicos são *O Problema Demográfico, o Índio Brasileiro, e Fovo sem Terra*.

Entretanto, poeta é que, principalmente, é Jáder de Carvalho, com a sua poesia arrebatada, comovedora, ungida de cânticos ao torrão cearense, de saudosismo do seu sertão nativo e lançada nos moldes modernistas, libertos de cânones como a mentalidade do poeta”, poesia que obedece — e bem o salientou Aluísio Medeiros — não a um ritmo anterior, preestabelecido, um ritmo de regras criado pelo homem, verdadeira prisão para o artista, e sim *outro* ritmo, o do próprio artista, ritmo que surge no preciso momento da criação do artista. em concomitância valorizadora”.

No adornado quadro da literatura poética cearense, distinguo quatro luminosidades que se alcandoram como os grandes cantores do torrão nativo do Ceará. Poetas do barro do sertão e das areias do litoral.

Primeiro, Juvenal Galeno, o vate das cantigas teocriticamente pastoris, ingênuas e por isso mesmo superamoráveis. É o poeta da espontaneidade, transição entre o cantador popular, folclórico, e o poeta de erudição. A sua poesia é como a água dormida do pote: natural, saudável, fresca, que mata a sede porque a gente está com sede, e não passou pelas garrafas de vidro e de plástico e pelas geladeiras, como que desvirtuada, para ser servida quase como luxo. A poesia de Juvenal Galeno é uma aquarela bem viva do campo, da catinga, da serra, da praia, do mar. Tudo como é mesmo, visto com os olhos descansados, distraídos. A terra cearense enche de ponta a ponta as *Lendas e Canções Populares*, com a sua gente, os seus tipos, as suas manifestações d'alma, os seus costumes, os seus hábitos. É o bucolismo integral, de que todos nós temos saudade imensa e por cujo desaparecimento tanto estamos a temer. Tem-se a impressão de que os seus descantes se fazem ao som de cítaras e flautas. Como nos belos tempos helênicos.

O segundo é Antônio Sales, do Parazinho, delicado de corpo como fino de espírito e cérebro. Pontes Vieira descreveu a “figura gentil de Antônio Sales”, que amou talvez mais do

que os outros o “torrão nativo”, porque dele o destino o exilou por largos anos, exacerbando com a ausência nostálgica as recordações cruciantes.

É o poeta de *Minha Terra*.

*“Ó, Minha terra!
Ó, minha grande Mãe de areia e argila,
Que um puro ceu reflètes na pupila;
Mãe dolorosa, a quem às vezes
O vento e o sol declaram guerra
Durante longos anos, longos meses,
Ceifando vidas, fechando lares,
Matando a fauna, aniquilando a flora,
Reduzindo a desertos tumultares
As estâncias ubérrimas de outrora;
Eu, que sempre te amei e mais te amo
Quando, na terra alheia,
Com saudades de ti andei chorando
E meus prantos dispersos,
Caídos sobre a areia
Da gleba estranha, transformando em versos;*

.....
*Ó, Minha Terra!
Ante o teu claro vulto,
Que para a prece os lábios meus descerra,
Na contrição de um culto,
Tremendo de emoção, vergada a fronte,
Eu te ofereço nesta pobre taça
De uma folha colhida ao pé da fonte
— O vaso que melhor a água prateia —
Todos os quentes e saudosos prantos
Que, nos momentos de esperança escassa
De te rever, verti na terra alheia:
Recebe esta oferenda de meus cantos
e faze deles pequenina gema*

*Que junte um ponto luminoso aos brilhos
Desse régio diadema,
Que teus ilustres filhos
Te teceram com o louro do talento
E a oliveira do amor, para que a História,
Num reto julgamento,
Nunca te negue o teu quinhão de glória.”*

O acendrado apego do bardo ilustre e aristocrático, de luvas e arminhos, leva-o a cantar, de minúcia a minúcia, tudo da terra: o drama de dores do retirante para a Amazônia devoradora, para o Eldorado maldito; a canícula, a tempestade. as várzeas, os verões terríveis, as manhãs orvalhadas dos invernos, a chuva que as trouxe dadivosa, o sol que impiedoso as queimará, as aves e as árvores quase uma por uma, e no fim, derramando a alma em amplos versos de rima paralela, o poema altiloqüente de sua exaltação aos sertões, de exaltação às searas, às praias, e de lamentações pela catástrofe das secas aniquiladoras. Martinz de Aguiar considera-o, neste Ceará de estiagens e de talentos, depois de José Albano, o poeta cearense, e só não sei se é maior do que Cruz Filho, para mim um dos mais essenciais e mais perfeitos versejadores da Língua Portuguesa, da Língua Brasileira, da qual ele é mestre e purista.

Outro é Filgueiras Lima, lá dos confins do Salgado, meio-termo entre a chamada velha poesia e a nova, aprumado nas estrofes como era na postura física e moral, pequeno de tamanho, sadiamente vaidoso do seu valor, entusiasta de sua arte, de que era autêntico virtuoso.

Entranhadamente unido ao seu Ceará, à Terra da Luz, e com tanto ímpeto que ao seu livro de cânticos glebários deu esse onomático reluzente:

*“Ceará!
Quando eu te sinto integrado no meu ser,
vibrando na minha alma,*

*palpitando no meu coração,
vivendo na minha vida,
— vejo, passar, diante dos meus olhos,
o teu drama de dor e de heroísmo
envolto no perfume da índia virgem
e tinto no sangue heróico de Tristão!*

Minha terra!

*Eu me ajoelho, comovidamente,
em face do teu sacrifício,
ao contemplar-te, coroadada de espinhos, braços
[abertos,
cravejada de Sol — que é a tua cruz.*

*Mas as tuas chagas reluzem como astros,
porque teu sangue se transforma em luz!
Ceará! Estrela cadente riscando a noite da esca-
[vidão.*

*Ceará! Berço de todos os sonhos de Liberdade!
Hás de sofrer tanto ainda e brilhar tanto,
que, um dia.*

*povos estranhos, em delírio,
verão todo o Brasil pompeando em glória,
iluminado pelo teu amor,
incendido pelo teu exemplo,
transfigurado pelo teu martírio!"*

É uma poética de vibração, altamente declamatória. cívica, incitante, caída na aceitação da mocidade, recitada toda hora nos salões, nos colégios, aqui e no resto do Brasil culto.

Ninguém, porventura, o excederia na integração do próprio ser com o ser da terra do Ceará. É o Ceará, com a sua configuração lindeira, que se assemelha e confunde com o coração de Filgueiras Lima.

A sua música é a de clarins e trombetas reboando, concitando, chamando.

Seu contemporâneo, vem o outro, mais de perto, dos monólitos majestosos de Quixadá, cantando ao compasso do *outro*

ritmo novo de corcel sem freios, e também se aprimora e arde no carinho do “torrão nativo.”

As asperezas do seu sertão, em ampla faixa verdejada pela água prisioneira do açude enorme, darão moldura à sensibilidade vibrátil de Jáder de Carvalho. Como que traz dentro de si uma cinzenta tempestade de nervos que um coração generoso se encarrega de enverdecer e amenizar. Há nele, no seu psiquismo variações fortes demais: dos artigos do jornalista planfetério à suavidade lírica de muitos dos seus versos. Do vermelho ao cor-de-rosa, ao azul celeste; da contorção dos vendavais ao murmúrio da fonte,

“o canto tímido e confidencial da água escondida e leve,
a chorar dentro da mata
na montanha”.

Faz confusão a harmonia que ele sabe fazer do lírico, do quase trivial, com o violento, o heróico.

É uma poesia, a sua, que sai como grito, como protesto, de recalques não suportados, ante a injustiça telúrica do céu contra a terra e a injustiça social dos potentados contra os humildes, dos muito ricos contra os muito pobres.

Relembremos o revoltado do Liceu, querendo matar o Andrade e o esquerdista do compêndio de *Clémence Jaequinet*, e então se explica porque, como bem acentua Nertan Macêdo. “o Ceará na sua poesia é o Ceará mesmo, não tem para onde fugir, não tem para onde escapar. Jáder não teve necessidade de recriar o seu tema, mas de criá-lo, pois são dele os olhos que primeiro descobriram o Ceará em poesia”. “Jáder fez dos seus poemas as dimensões da sua terra e da sua gente, no plano da emoção pura e, também no plano do tempo, no plano histórico”.

A fantasia não figura na poética do autor de *Terra Bárbara*:

*“Na minha terra,
as estradas são tortuosas e tristes
como o destino de seu povo”.*

.....
*“Na minha terra,
o cangaceiro é leal e valente:
jura que vai matar e mata.
Jura que vai morrer por alguém — e morre”.*

*“Ah, eu sou da terra do seringueiro,
— o intruso
que foi surpreender a puberdade da Amazônia.
Eu sou da terra onde o homem,
seminu,
planta de sol a sol o algodão para vestir o Brasil.
Eu nasci nos tabuleiros mansos de Quixadá
e fui crescer nos canaviais do Cariri
entre caboclos belicosos e ágeis.
Filho da gleba, fruto em sazão ao sol dos trópicos,
eu sou o índice do meu povo:
Se o homem é bom — eu o respeito.
Se gosta de mim — morro por ele.
Se, porque é forte, entendesse de humilhar-me,
— aí sertão!
eu viveria o teu drama selvagem,
eu te acordaria ao tropel do meu cavalo errante,
como antes te acordava ao choro da viola...”*

O Ceará realista, de Lampeão e do Padre Cícero, do vaqueiro dentro das matas e do jangadeiro dentro das ondas, o Ceará dos de século 18, enchendo-se de currais de gado e de coronéis honrados, severos e brutos, o Ceará do século 19, de boiadas já feitas, esteando uma economia, e de fazendeiros de filhos padres e doutores, de comboios imensos e carros de bois cantantes carregando o progresso, de rapazes doidos libertando escravos e inteligências livres criando Padarias Es-

pirituais, o Ceará legítimo, com os seus crimes e os seus heroísmos, as suas doenças e as suas vitórias da vida e as suas belezas morais e sentimentais — é este o Ceará dos versos de Jáder, os melhores dos seus versos, os verdadeiros seus versos.

Os outros versos, bem inspirados, bem alinhados, bem enfeitados de doçura, de encantos de sentimento, suaves, doces, revelam o lado de lá do poeta, o vate que bebeu a água da fonte e nela molhou o seu coração — o regulador calmo dos seus impulsos e das raivas das suas campanhas.

Não irei fazer a crítica de *Água da Fonte*, que isso ficará para os críticos e apreciadores de obras literárias.

Quero, isto sim, afirmar que o livro de Jáder é o Jáder consagrado, de inteligência faiscante e de cultura de bom alicerce, do Jáder de Carvalho de que o Ceará, o Brasil pode vangloriar-se e legitimamente honrar e festejar.

O livro não pede, exige o bom raciocínio para compreendê-lo na beleza de sua contextura. Exige ânimo isento, para na verdade ser admirado. Exultemos com *Água da Fonte*, que nos é uma mensagem de perfume dos mofumbos do sertão, do perfume dos engenhos do Cariri fabricando rapadura, do perfume dos cafezais da serra, do perfume esquisito das maresias do Oceano, batido de vento, beijando as areias, tudo iluminado do ardente sol da Terra do Sol.